

31º Reunião Brasileira de Antropologia

Autor: Fladney Francisco da Silva Feire

**GT 61: Religião e materialidades:
novos horizontes empíricos e desafios teóricos**

2018

NOTAS SOBRE ROUPAS E FOTOGRAFIAS NO TERCÊ¹²

Fladney Francisco da Silva Freire³

Resumo

O Tercê é uma das religiões afro-brasileiras difundidas na região central do Maranhão, tendo um vasto repertório de entidades organizadas em famílias e cultos aos orixás. No presente trabalho busco apresentar resultados da pesquisa de mestrado realizada no terreiro da minha família biológica e de santo. O foco tem sido entender a importância de fotografias e vestimentas, pois roupas são confeccionadas para entidades como forma de agradecimento, sendo também instrumento de reivindicação política. Assim como as indumentárias as fotografias estão no circuito da casa de santo. Nos últimos tempos diversos são os terezeiros que têm buscado ampliar suas narrativas sobre o mundo religioso, reivindicando um local dentro das diversas esferas sociais. Nesse sentido, roupas e fotografias carregam energias vitais. A peculiaridade desse campo consiste na utilização de imagens feitas por nós integrantes da religião e compartilhadas para o contexto da pesquisa, sempre vinculadas ao sentido da beleza e a possibilidade de uma construção da “história” da casa de santo, algo que é importante para minha família, tendo em vista disputas com outras religiões ditas “oficiais”.

INTRODUÇÃO

O Tercê é uma religião afro-brasileira muito difundida na região central do Maranhão, que espalhou-se para outras regiões da federação, é uma religião de possessão tendo um vasto repertório de entidades organizadas em famílias, sendo a família de Légua Boji Buá bastante conhecida pelo Brasil; Mundicarmo Ferretti (2003) - Ahlert (2013) - Freire (2018). No Tercê é possível encontrar animais encantados e cultos aos orixás, além de outras diversidades de entes espirituais.

¹ Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia.

² O presente trabalho apresenta resultados da pesquisa realizada no mestrado – defendida em 2018 no programa de Antropologia Social(UFG).

³ Doutorando em Antropologia Social (UFG).

No meu contexto de pesquisa tenho encontrado elementos importantes para o enredo, fotografias e roupas, roupas são confeccionadas anualmente para entidades como forma de agradecimento e fotografias estão por toda parte. As roupas de santo são utilizadas nas ritualísticas, ocorrendo nas festas, sessões, rezas e novenas. As roupas são importantes e acionam diversas categorias, como os orixás, as festas, as obrigações religiosas, as disputas entre os terreiros, as disputas com outras religiões.

No contexto da pesquisa, busquei observar os processos econômicos que incluem a aquisição de determinados bens materiais, o que se conecta diretamente a intercâmbios intensificados durante o tempo ritualístico-festivo e que envolvem sujeitos pertencentes a vários terreiros da região, que se visitam mutuamente, especialmente em tempos de rituais.

A peculiaridade desse campo consiste na utilização de imagens feitas por integrantes da religião e compartilhadas para o contexto da pesquisa, vinculadas a ideia de beleza e a possibilidade de uma construção da “história” da casa de santo, algo que é importante para minha família, tendo em vista disputas com outras religiões “oficiais” na cidade de Bacabal(MA), vale ressaltar a dificuldade em construir políticas públicas pelos poderes constituídos ao segmento na cidade, algo que é fruto do racismo religioso.

Assim, o que se intenta é observar os moldes da confecção cultural do grupo, as narrativas e seus usos. Costurando, franzindo e alinhavando a roupa textual, fotografando e fazendo pose para apresentar a beleza da religião, pode-se afirmar que o universo das roupas e fotografias produzidas nos dias usuais constitui um elemento privilegiado para entender os processos e dinâmicas da casa e seus fluxos ligados ao sagrado.

CAMPO, ROUPAS E VISUALIDADES

No contexto da pesquisa de mestrado busquei realizar uma tentativa de narrativa compartilhada, um empreendimento colaborativo, pois recebi ajuda dos meus pais na construção dessa etnografia. Em sua maioria, as imagens fazem parte dos arquivos do terreiro e, por isso, as imagens são importantes no contexto da narrativa.

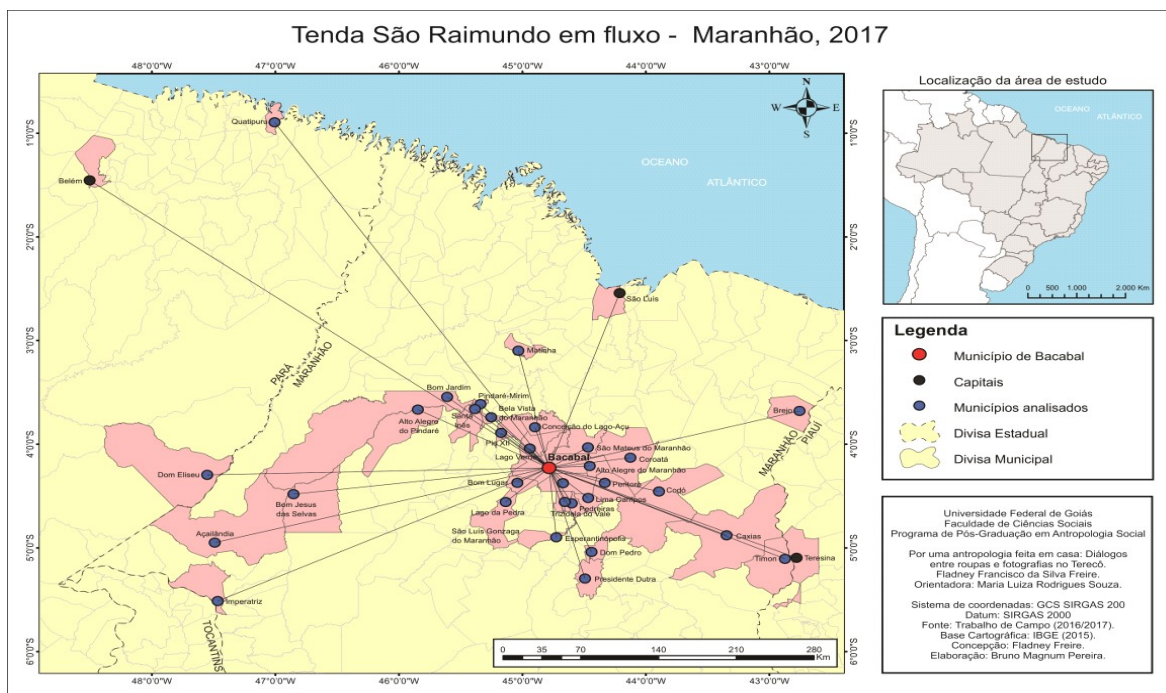
O terreiro acompanhado é conhecido como “União Espírita de Umbanda de São Raimundo Nonato”, o qual frequento e onde desenvolvo minha espiritualidade. Está situado na cidade de Bacabal (MA), funcionando desde 1993, na Rua da Esperança, nº 318, próximo ao centro da cidade, na microrregião do Médio Mearim maranhense.

O Terreiro de São Raimundo, do Pai Francisco de Folha Seca e de Angela de Oxum, meus pais biológicos, completou 25 anos de funcionamento em 2018, com 32 brincantes oriundos em sua maioria do próprio município, mas também de outras cidades maranhenses e até mesmo do Estado do Pará.

Nos dias de festa é como se houvesse uma grande confraternização, com muita alegria, irreverência, banhos, cheiros e muito tambor sendo tocando, para rodadas e rodopiadas dentro do salão. É como se fosse um espetáculo para ser experienciado e observado.

Minha mãe cuida de assuntos relacionados à feitura da alimentação, decoração e organização da festa como um todo, já meu pai se preocupa com as questões financeiras, principalmente com o pagamento de serviços e obrigações do terreiro. Ele participa do processo de decoração dos andores da procissão e em alguns momentos costura a roupa do festejo, assim como minha mãe.

Durante a pesquisa foi possível, através da agenda de visitas, mapear os locais que o Terecô é vivenciado. Esse mapeamento é realizado a partir do terreiro de São Raimundo Nonato: Açailândia (MA), Codó (MA), Pedreiras (MA), Bela Vista do Maranhão (MA), Bom Jardim (MA), Bom Jesus das Selvas (MA), São Luís Gonzaga do Maranhão (MA), Coroatá (MA), São Mateus (MA), Santa Inês (MA), Caxias (MA), Conceição do Lago-Açu (MA), Dom Pedro (MA), Esperantinópolis (MA), Lago da Pedra (MA), Presidente Dutra (MA), Trizidela do Vale (MA), Lago Verde (MA), Alto Alegre do Maranhão (MA), Peritoró (MA), Imperatriz (MA), São Luís do Maranhão (MA), Lima Campos (MA), Bom Lugar (MA), Brejo (MA), Pindaré-Mirim (MA), Pio XII (MA), Bela Vista (MA), Teresina (PI), Dom Eliseu (PA), Quatipuru (PA), Belém (PA), Tufilândia (MA) e Timom (MA).



Mapa 1 - Tenda São Raimundo em fluxo - Maranhão, 2017 Fonte: Trabalho de Campo (2016/2017).

Concepção: Fladney Freire. Elaboração: Bruno Magnum Pereira.

No terreiro se realizam seis festejos no ano, destinados a santos e entidades distintas⁴. A maior festa se inicia no dia 23 de agosto e segue até o dia 03 de setembro, sendo que os últimos cinco dias de batidas e obrigações aos santos são destinados especialmente aos convidados e abertos ao público.

A festa principal é destinada ao padroeiro da casa, momento em que se confecciona roupas utilizada pelos brincantes nos espaços e tempos dos rituais e festas, trata-se, assim, daquilo que denominamos de *farda nova*, *roupa nova*, *bata*, *mandrião*, *vestido*, *saia e blusa*, *calça e camisa*.

É no dia da roupa nova e nas festas que as casas se colocam à disposição para serem avaliadas e é quando se percebe que se manteve fiel às suas obrigações e conseguiu graças dos Orixás. Tudo o que é realizado no terreiro é consultado aos donos, no caso, as entidades. São elas que direcionam a cor da roupa, obrigações, preparação dos assentamentos da casa e dos filhos de santo, de forma que ninguém faz nada de forma aleatória.

A roupa consiste no caminho e não na finalidade da vida dos adeptos. Por este motivo é possível perceber como a roupa muda e como acompanha as transformações do terreiro e do povo de terreiro. O dia do traje novo para o santo é marcado também pela

⁴ Outros nomes são utilizados para falar dessa categoria: os guias, caboclos, espíritos, os moços.

participação dos membros dos outros terreiros, curiosos em observar na grande festa as novas vestes.

A partir da concepção de Gell (2009), roupas, fotografias, entidades, pessoas, tambores, elementos da cultura material e imaterial fazem parte de um circuito de arte, tudo que é feito pela primeira vez e, muitas vezes, copiado ou imitado; modelado, transformado em padrão; elemento formado por um saber-fazer, técnica, é arte. Falar de “coisas” e “pessoas” é apresentar uma vida, a forma como nós cuidamos dos objetos, classificamos, redefinimos ou destinamos é relativizar a ideia de sujeitos objetos. Pessoas podem virar objeto e objetos podem virar pessoas, conforme Gell (2009).

Assim, tudo indica que a antropologia da arte pode, ao menos em caráter provisório, ser separada do estudo das instituições da arte ou do “mundo artístico”. Isso implica a necessidade de retornar e reconsiderar a proposição afirmada acima. Dizer que os objetos de arte, para que possam figurar numa teoria da arte “antropológica”, têm de ser considerados como “pessoas” pode parecer uma ideia estranha. Mas essa estranheza só ocorre se não levamos em conta que toda a tendência histórica da antropologia vem em direção a uma radical desfamiliarização e relativização do conceito de “pessoa” (p. 254).

É importante pensar na teoria de Ingold relacionada ao conceito de agência e, de certo modo, aqui encontramos um limite da teoria de Gell (2009), ao pensar agência dos objetos. Segundo Ingold (2012), “agência material é consequência de uma redução das coisas a objetos, e da sua correspondente ‘retirada’ dos processos vitais. Dizer que esses elementos possuem agência é reduzir, objetificar o trânsito entre coisas e pessoas.

A Antropologia ecológica de Ingold (2012) critica as noções de objeto, rede e a teoria do ator-rede. Ingold propõe a ideia de malha para discorrer a cultura material e as relações de comunicação, integração e fluxo entre as coisas.

O Terecô com suas roupas e fotografias apresenta elementos da criatividade. “Isso implica ler a criatividade ‘para frente’ enquanto reunião improvisada com processos formativos, ao invés de ‘para trás’ enquanto, a partir de um objeto acabado, até uma intenção na mente do agente” (INGOLD, 2012, p.02). O autor está preocupado com os processos em formação ao invés do produto final e com os fluxos e transformações dos materiais ao invés do estado de matéria, insistindo que “o mundo que habitamos é composto não por objetos, mas por coisas” (INGOLD, 2012, p.02).

As roupas e fotografias são um agregado de “fios vitais”, são “coisas”. “A coisa, por sua vez, é um “acontecer”, ou melhor, um lugar onde vários aconteceres se

entrelaçam. Observar uma coisa não é ser trancado do lado de fora, mas ser convidado para a reunião” (INGOLD, 2012, p.3).

A partir da concepção de elementos da vida material como “coisas” é importante pensar como roupas, fotografias, entidades, humanos e etc. são “coisas”, coisas em seus constantes entrelaçamentos, criando, recriando, moldando, vestindo, fotografando e acionando belezas.

Rocha e Eckert (2005) nos apontam que o fazer antropológico é marcado pela reinvenção de técnicas e de procedimentos metodológicos na Antropologia, em razão do processo através pelo qual o antropólogo transforma o enunciado oral em literatura escrita, acaba por derivando daí a criação de novos domínios do conhecimento nesse campo, como o caso dos atuais estudos de narrativa a partir do uso de recursos audiovisuais na descrição etnográfica.

M. Souza (2016) propõe pensar a experiência com imagens a partir da ideia de arte, esta entendida como expressão e instrumento para abordar a questão da diferença e estimular a quebra das barreiras do cotidiano, onde “o contato com imagens e a própria produção de fotografias e vídeos permitem expor o que fica oculto na corrente ordinária das rotinas” (p. 04).

As diversas câmeras fotográficas são elementos inclusos nas lógicas das festas, entre um bailado e outro, alguém filma ou fotografa, ter em sua disposição as imagens serve para se auto avaliar e avaliar os demais do grupo. Sempre presenciei isso no dia do recebimento dos vídeos, minha mãe pega a televisão e o DVD e coloca no terreiro para todos assistirem. Em outras ocasiões na sala da casa as filmagens ficam passando e essa lógica de assistir constantemente dura em média dois meses.

As falas estão sempre no contexto da avaliação sobre o que foi vestido, quem estava incorporado com alguma entidade, como as pessoas estavam dançando e quem cantou no período da festa. Os vídeos são postados no Youtube e também é disponibilizado para venda na loja de artigos religiosos na minha casa. Cada DVD custa R\$ 15,00. Atualmente, algumas imagens também circulam nos grupos de WhatsApp.

As roupas e as fotografias demarcam relações de dádivas, trocas e solidariedades, mas também muita tensão e hierarquias. A maioria das fotos é de períodos festivos e, por isso, que as imagens são pensadas principalmente a partir da ideia do registro como algo importante.

Nas fotografias o terreiro de São Raimundo sempre aparece bem decorado, com flores, e em outras fotos é possível visualizar balões e muitos brincantes. Temos também fotografias dos dias ordinários, onde a maior parte da pesquisa foi realizada.

Todas as fotos demonstram que o período festivo é diferente daquilo que vivenciamos nos dias “normais”/cotidiano, quando o terreiro perde a ornamentação festiva, ficando com poucos tecidos e flores. De certo modo, assim como as pessoas se vestem para as festas, o terreiro também é embelezado para recebê-la.

Para a realização da festa é necessária a organização anual, pois a maioria das casas possui mais de uma festa ao ano, o que ocasiona aos terreiros montarem redes fixas de contato entre casas de santo.

É muito comum as casas ficarem repletas de convidados nesses períodos. Além das casas de santo, vizinhos e pessoas de outros bairros saem para visitar as casas em festa. Entre os terreiros existe uma ideia de dívida que é acionada e não realizar as trocas em visitação é estremecer as redes de contatos.

Para Mauss (1872), a prestação total envolve a lógica da doação, recebimento e presente, além de sua retribuição do presente, tendo em vista que os envolvidos não podem quebrar os acordos sobre o risco de declararem guerra. Dentro da ética dos terreiros, o não pagamento somente é perdoado por motivo de doença ou morte.

A casa devedora trata de avisar o motivo da ausência com antecedência e, nesse caso, é possível continuar a relação de reciprocidade. Existe um cuidado na definição da roupa usada nas casas de santo para as visitas.

Fazer uma boa festa também é resistência política, pois é nesse período que é materializado o poder da casa e sua força. Políticos, empresários e dirigentes de outras religiões ficam acompanhando a movimentação dos terreiros.

Os políticos ficam sondando, sobretudo no período eleitoral, querendo votos. Quando de fato oferecem alimentos ou em alguns casos tecidos para enfeitar o terreiro, empresários lucram com as festas e com as roupas e os dirigentes usam as imagens da festa para tecerem comentários, como já ocorreu de um canal evangélico local utilizar as imagens do meu pai e minha mãe, chamando-os de bruxos.

Na abertura das festas ou durante a noite existe um perfil mais “duro” sobre o que deve ser vestido, algo que vai mudando ao longo da madrugada ou durante o dia de festa, onde é mais comum as casas não acompanharem o “modelo” daquilo que deve ser vestido.

É comum uma mesma casa ter em sua corrente uma grande mescla de cores e modelos de roupa. No meu terreiro da minha família não é aceito que homens entrem na corrente com roupa “inapropriada”. O perfil da roupa masculina é: calça e camisa, ou bata com calça por baixo. Os homens que usam batas precisam colocar forro por baixo para dar volume na vestimenta.

As mulheres usam vestido ou saia e blusa, sendo que em ambos os casos são necessárias as anáguas. A lógica das anáguas serve para dar volume e peso à roupa, sendo, em média, quatro ou cinco saias, e por baixo das roupas uma saia pequena ou uma *legue* ou *laycra*, para não mostrarem as partes íntimas ao dançar.

Em alguns casos, onde a entidade que desce em uma mulher é “masculina”, a filha de santo pode usar calça por baixo da roupa. Existem dois tipos de anáguas, a primeira é a anágua estreita, a segunda anágua é conhecida como forro da roupa. São saias largas que servem para atribuir volume à indumentária. As anáguas estreitas são peças íntimas usadas pelas mulheres.

Não existe um limite para o total de anáguas e por baixo da roupa não se usa qualquer roupa, depende da cor e de quem é a entidade da roupa. O desejado por todos seria que tivéssemos cores de batas e anáguas em cores nos padrões para cada cor de roupa. Durante as rodadas no terreiro é possível ver as anáguas e, como muitos falam, o grande número de cores é chamado de “carnaval”. Ter um “carnaval” por baixo das roupas de certa forma significa desleixo e, por esse motivo, é necessário tentar casar as cores.

O traje a ser utilizado na visita aos outros terreiros depende do santo festejado, do dia da semana e do número de casas que também batem tambor no mesmo período. Conforme meu pai disse: “às vezes é festa de São Sebastião, aí vestimos verde ou se é abertura de festa, branco”. A roupa é um pagamento de retribuição à vida no santo.

Existe nesse contexto uma dívida dos homens para com os Deuses e eles (entidades e Deuses) sabem o preço das coisas (MAUSS, 2003). Para muitos, mais que padronizar as casas com vestimentas, a roupa serve como algo que personifica o respeito em relação às entidades, sendo perceptível nas narrativas que esse elemento da vida material eleva muitas explicações, uma grande polifonia.

Assim, pode-se afirmar que o universo da indumentária constitui um elemento privilegiado para entender o processo e dinâmica da casa e seu fluxo ligado ao sagrado. A veste tem vida e as relações são pensadas a partir dela, pois desde a confecção

até a primeira lavagem são necessários vários cuidados. Isso vai desde o guardar até o momento de uso nas festas.

Uma roupa tem vida, de forma que ela carrega sentidos e histórias, tem donos humanos e não-humanos. Lembro-me de sempre ouvir no terreiro a designação da roupa à determinada entidade, aquela de preferência do brincante que comanda a casa de santo, algo que tem ligação com o mundo dos orixás.

A vestimenta é algo que invoca sentimento de magia e rituais de sentidos. As entidades sempre falam das roupas que gostam mais e também dizem quais não gostam. Por diversas vezes fiquei sentado ao lado do altar assistindo as rodadas e, do nada, uma entidade chegava e me cumprimentava perguntando sobre a beleza da roupa.

No dia da roupa nova as entidades brincam com vontade, é assim que muitos dos adeptos falam depois que os donos da roupa inauguram a vestimenta, então, o tambor vira para a mata e a família de Légua participa da festa para dançar, junto dos Caboclos e alguns exus e entidades crianças. É nesse momento que todos querem rodar e espalhar as roupas pela sala, com várias rodopiadas.

Existe uma valorização das roupas e por esse motivo muitos criam expectativas, transformando-as na atração da festa, e, em certo sentido, os brincantes querem ver a casa que se veste melhor. Esse evento é importante na rede entre os terreiros, os convidados querem participar do dia da roupa nova.



Foto 2: Família biológica e de santo

Fonte: Arquivos de família



Foto 3: Meus pais biológicos
Fonte: Arquivos de família

É importante salientar que o Orixá do chefe da casa tem todo respaldo para fazer suas escolhas pelo estilo da roupa, com quem vai estabelecer sua rede de visitação e como vai ser a festa.

De fato, pode-se argumentar que as questões monetárias diretas estão quase sempre dependentes daquelas do universo religioso e dos padrões costumeiros, coletivamente partilhados pelo grupo. Se há economia ela deve ser pensada em termos de uma economia moral.

A farda é algo tão precioso que perd -la pode ser desastroso. Durante minha vivência no terreiro, vez ou outra, ouço histórias de desaparecimento de roupas, panos de

cabeça e sandálias. Esses elementos têm vida e podem aparecer e desaparecer em vários momentos.

O desaparecimento é um fenômeno sempre visto de forma negativa, pois alguém pode tirar a força ou fazer algum mal para a pessoa proprietária do bem desaparecido. Por esse motivo, cada brincante deve ter cuidado redobrado, pois tanto quem rouba como quem é roubado sofre retaliações, uma vez que a vestimenta tem diversos donos “não-humanos” e essas entidades fazem esses elementos desaparecidos retornarem ao lugar de origem, ou, em outros casos, cabe um trabalho de desligamento da vestimenta e confecção de uma outra, principalmente se o furto tiver sido realizado por uma outra casa alinhada com o terreiro.

O sumiço desses trechos é sempre descoberto, mas após o rapto nenhuma casa se manifesta. É algo muito sério. É preferível fazer outra roupa e não procurar estremecer as relações entre as casas. Casos de sumiços são difíceis de ocorrer, mas quando acontecem trazem vários desconfortos.

Existem casos dramáticos de ex-adeptos que destroem as roupas ao sair do terreiro e, para que isso não ocorra, as casas se organizam para que as vestimentas retornem para os terreiros de origem. Para os Pais e Mães de Santo, essas roupas pertencem ao terreiro e não ao filho de santo.

Assim, ao fazer o desligamento, as roupas devem retornar, mas raramente essas roupas retornam, devido às brigas e fofocas. Depois da ligação do indivíduo com a roupa é difícil romper esse vínculo, pois cada roupa é conferida a uma ou várias entidades e, nesse sentido, o adepto pode se desligar do terreiro.

No entanto, a entidade não faz o desligamento da roupa. As relações entre entidades e roupas são complexas, difíceis de traduzir. As roupas têm relação com os Orixás mais fortes que comandam determinado terreiro, mesmo tendo as Tombossas como figura central na escolha da vestimenta.

As Tombossas representam uma linhagem de príncipes e princesas das águas, mulheres e homens elegantes e de fino trato. Elas estão vinculadas aos orixás da realeza. Essas entidades se manifestam no terreiro poucas vezes no ano e são elas que o comandam.

As demais entidades na seara da hierarquia das casas conferem valor de forma diferenciada a cada vestimenta. Existem diversos repertórios vinculados à roupa nova e dentro de um deles estão as Tambossas, princesas das linhas das águas bastante reverenciadas no terreiro de São Raimundo. Ter uma Tambossas nas correntes da casa é

motivo de distinção, “*pois para elas sempre tem tudo do bom e do melhor*”, segundo Leane, filha da casa e minha comadre.

Devido à soberania das Tambossas, as demais entidades de outras correntes aceitariam uma roupa elegante mesmo contra a vontade, pois alguns Léguas e Caboclos de perfil masculino não gostam do incremento, mas acabam aceitando devido às hierarquias entre as próprias entidades.

As Tambossas são acionadas no discurso para demarcar aceitação das demais entidades em favor da mudança da roupa. Eurides de Tambossas é quem define a cor da roupa e é ela que entra em acordo com as demais entidades do terreiro. Eurides é soberana, mas sabe que o mundo dos encantados é permeado por disputas hierárquicas. A roupa de 2017 foi realizada em uma promessa para Xangô por intermédio de Eurides de Tambossas.

É comum haver disputa entre os terreiros para saber quem se veste melhor, mas fica na sutileza. É comum ouvir nos quartos e no quintal da casa diversas pessoas avaliando o desempenho da vestimenta, mas, devido a questões éticas, esse assunto não é debatido de forma aberta, sendo nos bastidores de cada casa que a roupa passa a ser o assunto do mês e, dependendo dos gastos, até do ano.

Grande parte dos terreiros preparam suas roupas e depois as usam no circuito de visitação. Para muitos, as mudanças que ocorrem no tocante à vestimenta são influenciadas pelos guias da casa. Em alguns momentos, nas horas que antecedem as noites de festas, as conversas entre os brincantes são sempre em relação às roupas do passado, mas sem querer retornar a esse período, ou voltar a dançar somente com a roupa do coco.

Na fala dos agentes frequentadores da casa, é comum um saudosismo em relação ao passado, onde se confeccionavam as roupas com os tecidos riscado, *voltoomundo* e *murinho*. Outras falas são direcionadas ao período em que não existia fardas ou qualquer tipo de padrão a ser seguido, quando cada brincante vestia o que era possível adquirir ou com a própria roupa do mundo caía na dança.

As diversas mudanças nas roupas são pontuadas como escolhas dos indivíduos e não dos orixás, ou vice-versa. Existem muitas explicações. Na contramão, existe um discurso de que as roupas foram se aperfeiçoando na proporção em que a vida financeira foi melhorando. Há vinte anos era difícil ter dinheiro para uma boa alimentação e gastar R\$ 1 mil com uma roupa era inimaginável. Meu pai gastou isso com a vestimenta

no último festejo. Para os brincantes, uma roupa abaixo desse valor não é uma boa roupa, são 15 metros de pano no total.

Em uma conversa com a mãe de Santo Lindalva, terreiro de São Sebastião, município de Bacabal (MA), ela me relatou que sempre sai de casa com a “cabeça aberta”. Entra nas lojas de tecido e naquele momento acaba por escolher as cores e enfeites. Ela disse: *“eu vô e entro, parece que eles que escolhem, num é eu que escolho, outra vez, do nada, caboclo sopra no meu ouvido e diz qual ele quer, às vezes eu sonho com o tecido e na rua ele aparece pra mim”*.

Maria é a nova costureira da casa, desde 2016. O grande número de roupas e o tempo foram responsáveis pela entrada da nova participante. Ela não brinca Terecô e começou sua vida de costura confeccionando roupas para danças do Estado do Pará, a exemplo do Carimbó. Segundo Maria, o Carimbó é uma dança muito sensual e comum na região onde ela residia e ter costurado por muito tempo esse estilo de vestimenta facilitou no seu novo trabalho.

Maria, com sua vasta experiência, tem ajudado no processo criativo da roupa do Terecô. Ela e meu pai têm utilizado novos elementos nas saias e blusas, seja com a incorporação de novos enfeites ou na técnica utilizada nas roupas. As roupas foram passando por mudanças significativas, desde a tecitura do franzido da renda, ao apanhado do *floriado* da organza.

Cada costureira foi responsável pelo processo de aperfeiçoamento da roupa, formando isso que ela é hoje, ou melhor, como Raul Seixas definia, a roupa é uma “metamorfose ambulante”, pois foi (re)tradicionalizando de forma tão sutil que parece ser tudo muito “natural”.

Em 2015, quando somente meus pais costuravam, era sempre preciso parar a feitura das roupas por alguns dias, devido às visitas as outras casas de santo. Esse tempo de pausa atrasava a organização de outros elementos da festa e a necessidade de ganhar tempo trouxe Maria para nossa casa.

Quando estava escrevendo o texto, Maria, veio me perguntar se eu não tinha visto quem pegou o tubo de linha branca, ficou reclamando que as coisas têm pernas, somem do nada e depois reaparecem e falou que iria ficar doida com essas “coisas”. Ela estava costurando as roupas no terreiro, ela disse que “é difícil ter paz com as “coisas” me perturbando o tempo todo”.

Para Maria, esse tempo todo no terreiro costurando é como se ela nunca estivesse sozinha, além de ser mais seguro, pois costurar no terreiro dá tempo para saber

quando outra pessoa estranha está chegando à casa, “quando alguém de outro terreiro chega, vem logo alguém avisar aqui[no salão], aí eu vou entocando tudo pra ninguém ver”.



Foto 4: Feitura da roupa
Fonte: Arquivos de família

Nos momentos de batidas aos tambores ela fica sentada costurando. Entre um franzido e um alinhamento, uma entidade observa sua técnica. Maria confeccionava a roupa nova enquanto o tambor rolava.

Durante os meus vinte e cinco anos nunca observei as roupas totalmente dentro de um padrão, até mesmo vestimentas costuradas pela mesma costureira, com o mesmo tecido e corte. De fato, as roupas possuem vida, pois, apesar de todo o cuidado para que tenham um padrão, na verdade nunca ocorre, parece que algo foge aos nossos olhos.

As vestimentas têm as peculiaridades de cada brincante, seja com o tecido que acaba antes de todas as roupas ficarem prontas, os enfeites que têm diferenças no tom ou a estrutura do corpo de cada brincante. As roupas, por serem “coisas”, são difíceis de enquadramento. As roupas sem os brincantes são qualquer coisa, menos uma farda. Elas são muito importantes na conjuntura do terreiro, mas sem a nossa atribuição de sentidos não seriam nada.



Foto 5: Célia e sua roupa de 2016
Fonte: Arquivos de família



Foto 6: Josilene e sua roupa de 2016
Fonte: Arquivos de família

Ao olhar as imagens utilizadas na pesquisa meu pai comentou que nos primeiros anos do terreiro se questionou sobre as regras impostas no tocante à estrutura das vestimentas a primeira roupa do terreiro foi branca, tinha o comprimento até o joelho, com somente uma fileira de renda. Só quatro metros compunham a indumentária, a cabeça era amarrada com tecido, o mesmo da roupa que era atada no estilo quebradeira de coco. Mesmo em tempos difíceis as roupas eram adquiridas com a ajuda dos encantados, similar ao que ocorre atualmente.

É recorrente o discurso por parte dos brincantes de que no começo parece que não vai dar certo, pois os tecidos são caros, mas no final sempre conseguem, tanto faz a farda ser simples ou mais elaborada.

Nota-se que para os brincantes o fator diacrítico é as entidades do terreiro que passam a ser determinantes na comparação e o contexto do perfil da divindade que coordena a casa é definidor do modelo da roupa, pois a casa pode ser abastada, entretanto,

se a entidade chefe tem preferência por um estilo mais simples, é esse que vai coordenar o padrão da casa.

Vale ressaltar que as entidades acumulam seu capital e por isso elas definem como seus cavalos devem gastar o dinheiro. O gerenciamento de como o dinheiro deve ser gasto é definido a partir da divisão daquilo que pertence aos brincantes e entidades, sendo que tudo que é acumulado sempre fica à disposição das entidades. Concordo com Baptista (2007), quando descreve relações mediadas pelo dinheiro no Candomblé. Tal proposta também pode ser aplicada nos estudos sobre o Terecô:

A perspectiva que sugiro, no entanto, difere desta visão corrente sobre o dinheiro. O meu propósito é pensar no seu caráter sociologicamente produtivo, na capacidade dos agentes de multiplicarem os seus sentidos, produzindo moedas, criando novos valores, utilizando-o como meio de troca e, às vezes, até como objeto sagrado. Ao perceber que o dinheiro não é um elemento voltado exclusivamente para a quantificação, ou ainda, que a própria quantificação pode possuir sentidos diferenciados para os atores, é possível vislumbrar que o dinheiro não é apenas algo que “esfria e objetifica as relações”, “quebra laços de sociabilidade” ou “produz distância entre as pessoas”. Mais do que isso, na minha perspectiva, ele aparece como uma janela através da qual será provável, em termos gerais, divisar o universo relacional do Candomblé. Assim, o dinheiro permite pensar relações que não estão circunscrita apenas no universo econômico, mas estabelecer, como ensina Viviana Zelizer (2002), uma compreensão mais profunda do modo com que os homens se relacionam, criam laços de solidariedade, intimidade conflito (p.10).

Para realizar grandes festas com fartura e roupas de santo é necessário o auxílio do dinheiro na mediação das relações sociais e de consumo. Na prática religiosa, não se pode simplificar as relações de compra e aquisição do material nas lojas de tecido como algo pragmático.

Existem, nas entrelinhas dessas relações, contextos que em muitos momentos são contraditórios. As roupas, na visão externa, são concebidas como artigo de luxo, sendo que para os adeptos elas têm um sentido de materialização do sagrado e de distinção. As roupas demarcam os lugares de cada sujeito dentro do terreiro e fora dele.

Referências Bibliográficas Sintéticas

AHLERT, Martina. Cidade relicário: Uma etnografia sobre Terecô, precisão e Encantaria em Codó (Maranhão). Disponível em <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/13742/1/2013_MartinaAhlert.pdf>. Acesso em 03 jan 2017.

BAPTISTA, José Renato de Carvalho. Os Deuses vendem quando dão: os sentidos do dinheiro nas relações de troca no Candomblé. *Mana* 13 (1): 7-40, 2007.

FERRETTI, Mundicarmo Maria Rocha. Formas sincréticas das religiões afro americanas: o Terecô de Codó (MA). *Cadernos de Pesquisa*. São Luv.14, n.2, jul./dez. 2003, p.95-108

FREIRE, Fladney Francisco da Silva. Por uma antropologia compartilhada: diálogos entre roupas e fotografias no Terecô. <file:///D:/Downloads/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Fladney%20Francisco%20da%20Silva%20Freire%20-%202018%20(3).pdf>. Acesso em 10 jun 2018.

GELL, Alfred. Definição do problema: a necessidade de uma antropologia da arte. 258 - *Revista Poiésis*, n 14, p. 245-261, Dez. de 2009.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horiz. Antropol.* vol. 18 nº 37. Porto Alegre, Jan/June 2012.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*, com uma introdução à obra de Marcel Mauss, de Claude Lévi-Strauss. Tradução de Lamberto Puccinelli. São Paulo, EPU, 1974.

_____. Ensaio sobre a Dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosaic & Naif, 2003.

SOUZA, Maria Luiza Rodrigues. Modos de ver e viver o cinema: etnografia da recepção fílmica e seus desafios. Ano 3. ed 5 | janeiro junho 2014. Disponível em: <http://www.socine.org.br/rebeca/pdf/LIVRE_3_MariaLuizaRodriguesSouza_final.pdf>. Acesso em: 05 fev 2016.

_____. Ver a diferença: Experiências de ensino em antropologia com expressões estéticas. REGISTRO ISBN: 978-85-87942-42-5. Anais 30ª RBA 2016

ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. “Escrituras hipermídicas e as metamorfoses da escrita etnográfica na era das textualidades eletrônicas.” In: SEL, Susana. *Imágenes y Medios en la Investigación Social. Una mirada latinoamericana*. Buenos Aires, UBA e FFL, 2005. p. 65 a 78